

7. 12601
HISTÓRIA DA PAIXÃO
E
MORTE DO INFANTE
SANTO D. FERNANDO



R. 1423



COLECÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO DEZÓITO

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1940



E X - L I B R I S



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES
OFICINAS GRÁFICAS "MINERVA", DE
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1940

HISTÓRIA DA PAIXÃO E MORTE DO INFANTE
SANTO DOM FERNANDO

Malograda a empresa de Tânger, o infante Dom Fernando ficara de reféns nas mãos dos moiros. Salabençala, governador de Tânger, tinha prometido deixar partir todo o exército português com vida salva se lhe dessem em troca a cidade de Ceuta, e se lhe deixassem em reféns um dos infantes até Ceuta lhe ser entregue. Dom Fernando ofereceu-se logo para ficar, contente de salvar assim o exército e dizendo que seu irmão Dom Henrique era mais preciso em Portugal do que êle. Assim partiu para Tânger com Salabençala; e levava na sua companhia estes seus fieis servidores: Rodrigo Esteves, seu aio; frei Gil Mendes, seu confessor; João Rodrigues, seu colaço; João Álvares, seu secretário; mestre Martinho, seu médico; Fernão Gil, guarda-roupa; e João Vasques, seu cozinheiro-mor.

Foi Dom Fernando aposentado com todos os seus numa tórre em Tânger, muito bem guardados, e ali ficaram algum tempo. E daí os levaram para Arzila onde os deixaram ficar muitos meses.

Mas ao fim dêste tempo, os moiros enfadados por que os portugueses lhes não entregavam Ceuta e receando que viessem a Arzila buscar o infante e tirar-lho à fôrça, mandaram-no para Fêz.

Foi um domingo, dia 25 de Maio de 1438 que logo de manhãzinha levaram o infante mais os seus servidores, a caminho de Fêz. Salabençala mandou nessa ocasião dizer ao infante Dom Fernando que se el-rei de Portugal seu irmão desse ordem de entregar aos moiros a cidade de Ceuta, o mesmo cavalo que agora o levava a Fêz, de lá o traria outra vez a Tânger onde os seus o poderiam logo ir buscar. E mandou-lhe também dizer que podia levar consigo o seu dinheiro e tudo que quisesse porque ninguém lhe faria mal. Animado com êste recado, o infante levou consigo tôdas as suas bagagens e uma grande quantidade de víveres.

Trouxeram aos servidores do infante bêstas de carga já carregadas com as bagagens, para êles montarem; e deram ao infante um cavalo muito vêlho e magro, lazarento e desferrado. O freio ia atado com cordeis, a albarda suja e remendada e todos os arreios pôdres e rebentados, concertados com baraços. Tudo isto parecia ser feito de propósito, por troça. E quando o infante montou, meteram-lhe uma vara na mão.

Os fidalgos portugueses que ainda estavam ali em reféns do filho de Salabençala, vieram despedir-se do infante; e Dom Fernando disse-lhes:

— Que Deus seja convosco, amigos, e vos proteja como do coração lhe peço. E orai por mim porque me quer parecer que não tornarei mais a ver-vos.

E assim o infante mais os seus servidores abalaram para Fêz pelo caminho das montanhas.

A cada aldeia que atravessavam um dos guardas moiros que os acompanhavam, ia adiante prevenir o povo, sobretudo mulheres e crianças, porque os homens andavam por fora nos campos. E tôda aquela gente vinha a correr e perguntava qual era o rei dos cristãos e quem eram os outros; e faziam muita troça deles, escarravam-lhes na cara e atiravam-lhes pedras e paus. Assim os acompanhavam até ao lugar onde deviam passar a noite. Nessa casa tinham de se deitar no chão e só podiam servir-se do que lhes pertencia. Os moiros não os deixaram sequer sentar-se sôbre as suas esteiras, dizendo que renegados e excomungados como êles eram não podiam tocar no que pertencia aos moiros de Deus. Davam-lhes de comer como se fôssem cães. Não os deixavam comer ou beber na sua louça; e alguns daqueles infieis quebravam as tigelas ou panelas onde êles punham a mão.

Mas quem poderia contar a paciência e a humildade do infante enquanto suportava estas brutalidades e insultos? Ria destas cousas como se não fôsse nada com êle; e dava-lhes tão pouca importância que até parecia que se tratava doutra pessoa e não dele próprio. Dizia que podiam dar-lhe o comer como quisessem; se lho dessem sujo ou de má vontade, o mal ficava com quem o fazia; e animava os companheiros dizendo-lhes que era preciso comer para viver.

Esta viagem durou seis dias e por caminhos tão maus e tão pedregosos, que só podiam avançar muito devagar e com muito trabalho.

Quando chegaram à cidade de Fêz, todo o povo veio ao seu encontro e era tanta a gente e todos se mostravam tão anciosos de os ver de perto e de os insultar, que os guardas tinham de lhes abrir caminho à paulada e à espadairada.

Levaram mais de três horas para irem da entrada da cidade até à sua prisão. O infante Dom Fernando, vendo que os seus companheiros iam já muito cansados e enfraquecidos pelo sofrimento, disse-lhes assim:

— Chegamos a um ponto, amigos, em que já não devemos recear o pior, mas sim ganhar fôrças para o suportar. E não devemos desesperar-nos por ver o grande número dos nossos inimigos e por sermos tão poucos, porque aqui não se trata de dar batalha. Nem devemos entristecer por estarmos num país estranho e rodeados de inimigos. Só devemos pôr tôda a nossa esperança na misericórdia que Deus costuma conceder aos seus, e merecê-la. E ainda que sejamos todos pecadores, Deus bem sabe que se vim a esta terra e se aqui vos trouxe, foi com a idea de o servir. Se a vontade de Deus fôr que aqui acabemos nossos dias, estou convencido que nos fará entrar no paraíso; e se, pelo contrário, a sua divina tenção é salvar-nos, estou bem certo que nos dará tudo que precisarmos.

O governador de Fêz chamava-se Lazaraque. Tinha os olhos garços e arrevezados. Era grande e forte mas não tinha coração. Pelo lado do pai descendia de grandes senhores moiros; pelo lado da mãe, de famílias cristãs. Era um mau fruto que não devia ter medrado. Quando as cousas lhe não corriam a jeito castigava sem justiça e sem dó. O povo todo tremia de medo

diante dele. Assim o infante Dom Fernando, em cuja alma só havia doçura e bondade, encontrava-se agora nas mãos do mais cruel dos homens.

Alguns dias depois da chegada do infante a Fêz, Lazaraque mandou-lhe ordem de escrever uma carta a el-rei de Portugal seu irmão dizendo-lhe que o resgatasse sem demora e entregasse a cidade de Ceuta aos moiros como estava combinado. Havia um cirurgião judeu que partia para Portugal e levaria a carta; e a resposta devia chegar a Fêz daí a três meses. Apenas o infante escreveu a carta, meteram-no numa masmorra, um quarto pequeno sem luz e sem ar; e aí devia ficar até vir a resposta.

Mas passaram-se os três meses e não veio resposta nenhuma. Havia mais de quatro meses que o judeu partira.

Um sábado, dia 11 de Outubro de 1438, quando o infante e os seus se levantavam, o alcaide de Çaquifa entrou na masmorra onde estavam e fê-los sair assim mesmo por vestir. Roubou-lhes tudo que tinham; roupas, fatos, jóias, dinheiro, tudo. Mandaram despir o infante do gibão que enfiára à pressa e aí encontraram duzentas dobras (que era moeda daquele tempo). E levaram o gibão a Lazaraque que ficou com o dinheiro. Depois puseram o infante e os seus companheiros a ferros. Então separaram o infante dos companheiros e levaram estes para a horta de Lazaraque que era muito grande e perto de um grande palácio que êle tinha cheio de riquezas e que se chamava Ariate onde êle mandara construir os seus banhos com um grande luxo. Meteram nas mãos dos prisioneiros enxadas muito pesadas e fizeram-nos cavar numa terra dura até ao sol-pôsto. E então levaram-nos outra vez para a masmorra.

Quando iam no caminho encontraram o infante que ia acompanhado por dez guardas. Alguns dêstes brutos empurravam-no, outros picavam-lhe as costas com as pontas dos cacetes para o fazerem andar mais depressa. E Dom Fernando tropeçava a cada passo por causa das cadeias pesadas que levava nas pernas e para andar tinha de as segurar com as mãos. Caminhava com muito custo e cansaço. À roda dele ia muita gente gritando e fazendo muito barulho.

Vendo estas cousas os companheiros do infante começaram a chorar e a sua tristeza era tamanha que logo se via que não podia haver para êles maior desgraça do que verem o seu senhor em tal aflicção. E o infante ao encarar com êles disse-lhes só:

— Estais vendo isto, amigos? Oraí por mim.

Os guardas não o deixaram falar mais.

Quando Dom Fernando chegou a Ariate onde o levaram, Lazaraque apareceu à entrada do palácio, no alto dos degraus de mármore, vestido com muita riqueza e disse-lhe:

— Já que os cristãos são traidores e não me entregam a cidade de Ceuta que me prometeram e de que tu és reféns, ficas sendo meu cativo e farei de ti o que me apetecer. Ordeno que vás limpar as minhas cavaliças e tratar dos meus cavalos. Tanto se me dá que sejas príncipe e irmão de rei, como não.

O infante respondeu sem se alterar:

— Os cristãos não são traidores e nunca o foram e êsse nome não lhes convém. Quanto a mim farei tudo que me mandares, porque de tudo que eu

assim fizer, a vergonha não cairá sobre mim mas sobre aquêles de quem cumpro as ordens.

Lazaraque voltou-lhe as costas e os guardas meteram nas mãos do infante uma pá, um ancinho e uma vassoura e levaram-no para as cavalariças onde começou a varrer o chão e a limpar os cavalos.

Quando se fêz noite escura, levaram-no outra vez para a prisão, mas não para a masmorra onde estavam os outros; o infante pediu que o deixassem ir para a companhia dos seus, mas não lhe fizeram a vontade, dizendo que Lazaraque não dava licença.

Os outros já estavam na masmorra que ficava perto; lá os tinham fechado sem lhes darem tempo de a limpar, nem de comer um pedaço de pão.

Apenas os guardas se foram embora os da masmorra chamaram o infante e perguntaram-lhe como estava; respondeu que se sentia muito fraco porque não lhe tinham dado de comer desde a véspera e muito cansado e com o corpo dorido do trabalho daquele dia. E disse:

— Estou vivo, graças a Deus, mas se me separam de vós mais valia que morresse.

E êles responderam:

— Senhor, se estais vivo e de saúde, louvado seja Deus. Quaisquer trabalhos, canseiras e dôres ser-nos-ão fáceis de suportar, assim o cremos, a vós por amor de Deus, e a nós por amor de vós.

Os servidores e companheiros de desgraça do infante continuaram a trabalhar na horta e no jardim de Lazaraque, mas os guardas não os deixaram ir para a companhia do infante. Então Dom Fernando mandou pedir a Lazaraque que lhe desse licença de ir trabalhar com os seus na horta; e Lazaraque deu-lhe licença por ser um trabalho muito duro; e deixou-o daí por diante dormir com êles na masmorra. E o infante trabalhava com os seus de boa vontade e, pelo exemplo que lhes dava, pela sua paciência e bom humor e bom modo, consolava-os e animava-os. Mandou muitos recados a Lazaraque dizendo-lhe que os seus companheiros não tinham culpa nenhuma do que era passado nem tinham nunca ofendido os moiros, e que só êle era responsável e só êle devia sofrer e não os outros; e que os mandasse para Portugal e o guardasse só a êle. Lazaraque não fazia caso ou ria-se e troçava dêstes recados; mas os moiros do palácio que ouviam estas cousas maravilhavam-se da bondade do infante e diziam entre si que agora já entendiam porque os servidores dos fidalgos e príncipes portugueses morriam de tão boa vontade pelos seus senhores.

Quando os haveres do infante e dos seus foram roubados deram-lhes fatos esfarrapados com que agora se vestiam e nem sequer tinham licença de sair da masmorra para as suas precisões. Estavam cobertos de piolhos e sofriam de muita sujidade e miséria. Só recebiam dois pães por dia para comer e só água para beber.

Quando andavam a trabalhar na horta e no jardim, às vezes as mulheres e filhas de Lazaraque vinham merendar ao pé dos tanques e à sombra das

árvores. E algumas tinham dó deles e diziam ao infante, às escondidas, palavras de compaixão ou de amizade e davam-lhe o que podiam das suas merendas.

Um dia Lazaraque veio ao jardim e disse ao infante que el-rei Dom Duarte de Portugal, seu irmão, tinha morrido. Era verdade; mas Dom Fernando não quis acreditar; cuidou que Lazaraque lhe dava aquela notícia para o atormentar.

Respondeu:

— Se essa notícia é verdadeira (e espero em Deus que o não seja) essa morte é para mim a maior perda que posso ter neste mundo. E fica sabendo, Lazaraque, se el-rei morreu, a minha vida e o meu cativoiro acabarão na mesma hora.

Estes trabalhos, sofrimentos e canseiras duraram muito tempo. Por fim Lazaraque deu ordem que os prisioneiros não saíssem mais da masmorra. Via que pela doçura e bondade do infante e pelo amor que os seus companheiros mostravam, os moiros começavam a ter dó deles e a perder a má vontade que lhes tinham; e Lazaraque receou que os ajudassem a fugir ou que se revoltassem contra êle. E assim os prisioneiros ficaram fechados de dia e de noite na masmorra sem ar e sem luz, cobertos de piolhos e outros insectos, numa grande sujidade e sem ver uma nesga de sol nem terem a sorte de respirar um pouco de ar puro.

E passavam fome, porque agora a ração de pão ainda era mais pequena.

Entretanto em Portugal a pouco e pouco iam-se perdendo as esperanças de resgatar o infante Dom Fernando.

El-rei Dom Duarte, muito atormentado com a sorte de seu irmão mandou que cada pessoa importante do reino escrevesse a sua idea sôbre o que se devia fazer.

E depois de muitas escriturações e de muito tempo para as ler e separar estes escritos, viu-se que havia quatro opiniões:

1.º Que o infante Dom Fernando devia ser resgatado o mais depressa possível e que se devia para êsse fim entregar sem demora a cidade de Ceuta aos moiros, porque o infante Dom Fernando tinha oferecido a sua vida à morte e a sua liberdade ao cativoiro para salvar todos os seus do grande perigo que os ameaçava. Dêste partido eram os infantes Dom Pedro e Dom João e mais alguns fidalgos e a maior parte das cidades e vilas do reino.

2.º Que el-rei, ainda que tal fôsse o seu desejo, não tinha o direito de entregar Ceuta aos infieis sem licença do Papa, porque era preciso considerar tôdas as igrejas de culto cristão que havia já naquela cidade onde se fazia o santo sacrifício da missa, e que teriam de ser profanadas; nada dessas cousas sagradas podia ser mudado e dar lugar a cousas muito contrárias à nossa religião, por amor de uma só pessoa. E êste partido era o do arcebispo de Braga e era mais numeroso que o primeiro.

3.º Que el-rei devia demorar a sua resolução neste assunto para ter tempo de pensar em tudo e de estudar a melhor maneira de resgatar o infante seu irmão por dinheiro e entregando cativos moiros; e de pedir ao Papa e a vários reis cristãos que juntassem tropas e o ajudassem a fazer guerra aos moiros; e só se tudo isso falhasse, se deveria pensar em ceder Ceuta.

4.º Que el-rei não tinha o direito de ceder a cidade de Ceuta aos moiros para salvar o seu irmão, nem sequer para salvar o seu filho herdeiro se êle estivesse nas mãos dos moiros. E esta era a opinião do Conde de Arraiolos que explicava as suas razões com exemplos tirados dos livros santos; estas razões eram tão bem explicadas que convenceram muita gente, tanto mais que o conde era homem de muita experiência e sabedoria. El-rei e todos os do seu conselho ficaram muito abalados com estas razões.

Depois de considerar tôdas estas opiniões, el-rei Dom Duarte caíu numa grande tristeza. Considerava que se seguisse os conselhos dos infantes Dom Pedro e Dom João e entregasse Ceuta aos moiros para salvar Dom Fernando, seguiria o partido menos numeroso e perderia o fruto daquela conquista gloriosa de seu pai el-rei Dom João I, e o sacrifício de tanto e tão bom sangue português que a cidade de Ceuta custara; e isto para salvar um seu irmão muito querido, um só homem que, se fôsse da vontade de Deus, poderia até morrer no mesmo dia em que fôsse resgatado.

Por outro lado, se considerava a resolução de não ceder Ceuta e de deixar seu irmão para sempre no cativo, o coração estalava-lhe de paixão dentro do peito; lembrava-se que a culpa fôra sua em permitir aquela empresa tão arriscada, tão mal preparada, e que êle podia ter evitado. E enchia-se de remorsos ao pensar que tal empresa nunca fôra de sua vontade e que se a expedição partira fôra por fraqueza sua, por não ter tido a coragem de ir contra a vontade da rainha.

Finalmente, depois de muito sofrer no meio de dúvidas que o atormentavam, resolveu não decidir nada antes de mandar notícia de todos estes acontecimentos ao Papa e aos reis cristãos e de receber suas respostas. E assim se passou muito tempo e quando chegaram as respostas, não adiantaram nada, eram só promessas de orações e palavras de consolação e amizade, mas nenhum oferecimento de socôrro ou ajuda como el-rei Dom Duarte esperara.

Quanto ao infante Dom Henrique, desde que chegara de Ceuta, de volta da triste expedição, nunca aparecera na Côrte. Metera-se em Sagres, no Algarve, onde só pensava em construir embarcações nos seus estaleiros e estudar cousas de navegação, sempre com aquela idea de mandar gente sua à descoberta da costa de África. Dizia que não queria apresentar-se diante de el-rei seu irmão já que não podia levar-lhe o infante Dom Fernando que por sua culpa se perdera. Mas el-rei, quis falar-lhe e mandou-lhe ordem de vir vê-lo. Dom Henrique respondeu pedindo-lhe muito que não o obrigasse a ir à Côrte e que destinasse as cousas de modo que se encontrassem em Portel. El-rei disse que sim e aí os dois irmãos conversaram muito tempo.

Mas essa conversa não trouxe consolação nem esperança ao coração atormentado de el-rei; porque Dom Henrique disse-lhe que nem um instante devia pensar em entregar Ceuta aos moiros, não só porque isso seria contra o serviço de Deus, mas também porque os moiros tinham faltado à sua palavra quando depois de se terem obrigado a deixar partir os portugueses de Tânger em paz, os tinham atacado furiosamente. E Dom Henrique disse também que quando se oferecera para ficar de reféns aos infieis em vez de Dom Fernando, era com a firme tenção de nunca deixar que Ceuta fôsse entregue aos

moiros, e decidido a lá morrer porque bem pouco valia a sua vida comparada com a posse de uma tal cidade que tanto custara a ganhar. E el-rei devia tentar resgatar o infante Dom Fernando à fôrça de dinheiro e dando em troca todos os cativos moiros que houvesse nas Espanhas. E se os moiros não aceitassem êste resgate, então que juntasse uma grande armada e os fôsse atacar porque estava bem certo que, para vencer todos os moiros que êle vira em Tânger, bastaria aos portugueses um exército de vinte e quatro mil bêteiros e doze mil de infantaria.

El-rei Dom Duarte escutava o irmão calado e tão cheio de desânimo e de melancolia que até lhe parecia que não podia continuar a viver. Aquela conversa com o infante Dom Henrique era a sua última esperança; mas via que o infante só tinha uma idea na cabeça, sempre a mesma: África, África, África... Ao ouvi-lo tão teimoso e firme naquela idea, até se poderia imaginar que êle não tinha coração.

Separaram-se os dois irmãos em Portel. Dom Henrique voltou para Sagres e para os seus trabalhos e estudos marítimos, e el-rei cheio de tristeza e desalento, para a Côrte.

O mal de que a sua alma padecia era grande demais. Começou a definhlar. Dom Duarte tinha grande memória e grande coração, mas vontade muito fraca; e isto, na alma de um rei, é mal sem remédio.

Era passado um ano desde que a armada dos infantes saíra a barra do Tejo; el-rei Dom Duarte, encontrando-se em Tomar caíu doente com uma grande febre, e ao fim de treze dias, a 9 de Setembro de 1438, houve um eclipse do sol e êle deu a sua alma a Deus. Tinha quarenta e sete anos e reinara cinco.

Os sete médicos que o trataram não lhe atinaram com a doença. Só um acertou dizendo que a morte de el-rei fôra causada pela freima do seu coração. Sabia que o desastre de Tânger e o cativo do infante Dom Fernando eram culpa sua. E aquêlê êrro que cometera por fraqueza de vontade, dava-lhe tal pena e remorsos que lhe consumiu a vida.

O seu filho mais vêlho, Dom Afonso, herdeiro do trono, era ainda criança por morte de seu pai. Era preciso que alguém governasse o reino até que êle tivesse idade de cumprir os seus deveres de rei. Levantaram-se muitas contendias a respeito de quem devia ser o regente do reino. Uns queriam que fôsse a rainha, outros o infante Dom Pedro. E isto armou tais discórdias e paixões que, a pouco e pouco, todos foram esquecendo em Portugal a sorte daquele infante que, para salvar os seus, subia agora em Fêz o seu triste calvário.

No dia de Natal os guardas moiros vieram buscar os prisioneiros cristãos, menos o infante Dom Fernando e o seu confessor frei Gil Mendes, e levaram-nos para fora da cidade. Foram andando até que chegaram a uma estrada cheia de barrocos e de pedregulhos; aí pararam e os portugueses receberam ordem de concertar e aplanar aquela estrada. Tinham de quebrar os grandes pedregulhos com picaretas e cavar terra dura como rocha, com enxadaes de duas pontas e pesados como chumbo. Era trabalho de arrasar qual-

quer homem e muito mais aquêles que passavam fome e não saíam da masmorra havia tanto tempo.

Juntou-se em volta deles um ror de povo. Homens e mulheres rodeavam-nos tão de perto que mal se podiam mexer. Tinham as mãos delicadas de quem não está costumado a tais trabalhos; e em pouco tempo criaram grandes empôlas e as mãos inchadas e ensangüentadas. Os oito guardas tinham que fazer, só a empurrar tôda aquela gente que os rodeava e os queria ver de perto nem que fôsem animais raros. E os que estavam junto deles escarravam na cara dos desgraçados e insultavam-nos e maltratavam-nos de todos os modos que podiam.

O alcaide mandou uma ordem que autorizava os prisioneiros a defender-se e a dar pancada nos que os atormentavam. Mas os portugueses desconfiaram de tal ordem; talvez fôsse traição. Se êles batessem naquela gente, o povo de-certo os mataria. E como podiam defender-se de centenas de inimigos? Eles que mal fôrças tinham para se arrastar e com as pernas em ferros? Quando veio a noite, levaram-nos de novo para a masmorra.

Desde que os seus companheiros tinham partido, de manhã, o infante não descansara de rezar por êles pedindo a Deus que os protegesse. Cuidava que os tinham levado para serem açoitados ou mortos.

Quando os viu voltar vivos, teve uma grande alegria e não se fartava de os abraçar e de dar graças a Deus. Mas daí a pouco trouxeram a lanterna que os alumia e só então o infante viu as mãos dos seus companheiros; e estavam em tal estado que êle não pôde suster as lágrimas e disse:

— Ora aqui está como agora se cumpre esta verdade: *Padece o inocente pelo culpado*. É por minha culpa que vós padeceis tanto. Perdoai-me pelo amor de Deus. Ainda que seja eu a causa do vosso martírio, peço-vos do coração que tenhais paciência porque Deus, — assim o creio — tomará tudo isto à conta da remissão dos vossos pecados e, por isso, merecereis a glória eterna. E se alcançarmos a liberdade nunca mais em dias de minha vida terei eu um pedaço de pão ou uma capa que não reparta convosco.

E êles, espantados, perguntavam:

— Senhor, que culpa tendes vós? E de que vos acusais, vós que vos oferecestes a tais perigos e tormentos para salvar a vida de todos os vossos?

Mas o infante estava em tal aflição, tão cheio de dor ao ver a desgraça dos seus bons servidores, pegando-lhes nas mãos e dizendo-lhes tais palavras de amor, que êles nem sentiam já o seu próprio sofrimento e só pensavam no desgosto do seu senhor. E começaram a rir e a cantar e a dizer e a fazer brincadeiras, troçando de si próprios, a ver se distraíam o infante daquela sua paixão. Diziam assim:

— Olhai! Nesta festa somos nós os namorados! Não é sangue que temos nas mãos, não senhor: são cravos vermelhos para as nossas conversadas.

— Fatinhos novos e caras tão asseadas como as nossas, não há na feira! E outras cousas assim disparatadas que os faziam rir. E o infante fingia rir com êles e mostrava-se alegre para não os desconsolar.

Tal era a coragem e a fôrça de alma daqueles homens!

No dia seguinte, enquanto os companheiros do infante estavam fora da

cidade no seu duro trabalho, Lazaraque mandou um moiro falar ao infante a ver se na conversa lhe apanhava alguma idea escondida contra os moiros, e, se assim fôsse, para o castigar. O moiro perguntou-lhe se não estava zangado de ver como os companheiros eram tratados. O infante respondeu:

— O que me espanta é a vossa parvalheira. Que mal vos fizeram aquêles homens? São servidores meus. Vieram para me acompanhar. Não têm culpa do ataque a Tânger. Só eu sou culpado. Para que os torturais?

O moiro respondeu:

— É para os portugueses saberem o que êles passam e se aviarem de nos entregar Ceuta.

O infante riu-se e disse:

— Esse vosso engano é bem estúpido. Eu é que sou o preço da cidade de Ceuta e não os meus servidores. Bem pouco tereis vós do seu resgate se eu não fôr resgatado.

Depois desta conversa chegou a notícia de que Lazaraque ia mandar o infante trabalhar na obra da estrada com os outros. Mas o infante encolheu os ombros e riu-se dizendo aos seus companheiros:

— Não acrediteis em tal. Tomara eu que isso fôsse verdade pois seria uma alegria para mim ir trabalhar convosco e partilhar os vossos sofrimentos, canseiras e humilhações; e quanto à vergonha vós bem sabeis que não a tomo sôbre mim e que a deixo com quem assim nos atormenta. Mas justamente porque tal seria meu gôsto, é que não acontecerá; por mal dos meus pecados nada acontece senão ao contrário dos meus desejos.

O infante tinha razão. Afinal Lazaraque não se decidiu a mandá-lo trabalhar na estrada porque teve mêdo que outros moiros lho furtassem para o levarem ao governador de outra cidade que o cobiçava para o oferecer aos portugueses a trôco de dinheiro.

Como o tempo fôsse passando e os moiros vissem que os portugueses não falavam de lhes entregar Ceuta, iam cada vez atormentando e maltratando mais o infante e os seus companheiros, cuidando que a notícia dos seus sofrimentos apressaria a entrega da cidade.

Acabaram por separar Dom Fernando dos seus. Levaram-no para a cêrca do palácio e fecharam-no numa antiga latrina dos guardas. Esta latrina era tão pequena que o infante não cabia nela deitado ao comprido, e dormia todo encolhido. O chão era de terra batida. E ali ficou sem de lá sair nunca durante quinze meses. Os seus servidores não o viam; continuavam a trabalhar nas estradas e em outras obras muito custosas. De vez em quando mandavam-nos buscar cal a um pátio do palácio; e descobriram que a prisão do seu senhor tinha uma fresta muito estreita que dava sôbre êsse pátio. Assim, ainda que não pudessem vê-lo, sempre trocavam algumas palavras com êle, de fugida. Ainda antes de lhes ouvir as vozes o infante sabia que êles se aproximavam, pelo barulho das correntes que traziam nas pernas. E estas conversas tão curtas eram a única alegria de Dom Fernando.

Ora um dia, passando êles defronte da tal fresta, chamaram pelo seu amo como de costume:

— Meu senhor! Meu senhor!...

E o infante não lhes reconheceu as vozes, o que lhes causou muita pena e cuidado. Chamaram-no muitas vezes e afinal o infante conheceu-lhe as vozes. Pediu-lhes perdão e disse-lhes que estava tão doente com disenteria que mal se podia levantar do chão e que não conseguia engolir os alimentos que lhe levavam. E pediu-lhes que fizessem por falar às mulheres de Lazaraque a ver se o livravam da escuridão em que estava, e dos piolhos que o cobriam e do fedor daquela latrina, e se o levavam para um sítio onde pudesse ser tratado. Mas todos os esforços dos seus servidores não conseguiram fazê-lo sair de onde estava; só conseguiram que o seu médico lá fôsse e também alcançaram licença para o irem visitar e servir no que pudessem.

Na quinta-feira seguinte o seu confessor, que estava na companhia de Dom Fernando, acordou de manhãzinha e olhou logo para êle a ver como estava, porque o confessor e o médico não se arredavam do pé dele, ora um, ora outro, quer de dia quer de noite. E quando o confessor olhou para o infante, viu que do seu rosto saía uma grande claridade; e todo êle parecia inundado de alegria, sorrindo e com um ar tão feliz e contente que nem parecia o mesmo. De pura alegria tinha os olhos cheios de lágrimas erguidos ao céu e as mãos juntas, e a sua beleza era tamanha e tão resplandecente, que o confessor mal o podia encarar. Maravilhado, frei Gil chamou-o baixinho por três vezes. À terceira vez o infante respondeu sem olhar para êle nem mudar de posição:

— Bem vos oiço.

E frei Gil calou-se não querendo importuná-lo.

Só no dia seguinte o infante lhe contou que tinha tido uma visão: Nossa Senhora tinha-lhe aparecido sentada num trono e rodeada de seres de grande formosura que de-certo eram anjos. E vira também o arcanjo S. Miguel, e S. João Evangelista que vieram ajoelhar defronte de Nossa Senhora e pedir por êle. E Nossa Senhora respondera que naquele mesmo dia Dom Fernando estaria na companhia deles.

Nesse mesmo dia, logo ao pôr do sol, o infante caiu numa grande fraqueza e começou a delirar. Depois frei Gil perguntou-lhe como se sentia e êle respondeu:

— Vou-me embora de todo...

Então confessou-se e tendo recebido a absolvição, voltou-se para o outro lado e disse com um sorriso:

— Agora deixai-me morrer.

E entregou a sua alma a Deus.

Levaram a notícia da morte de Dom Fernando a Lazaraque. Este chefe moiro, a-pesar-de tôda a sua falsidade, não pôde obrigar a bôca a mentir falando do infante. Disse assim:

— Se entre os cristãos houve jamais algum bem, naquele que acaba de morrer existia êsse bem. Se fôsse moiro seria um grande santo, porque não houve maldade naquele coração e sei que nunca mentiu. É bem certo que os

portugueses que assim o deixaram padecer e morrer, cometeram um grande pecado.

O choro e lamentações dos tristes companheiros do infante ainda não tinham acabado, quando uns moiros mandados por Lazaraque chegaram junto deles e lhes disseram:

— O nosso amo manda-vos ordem de abrir o corpo do vosso rei e de o encher de sal, de mirra e de loiro sêco.

E dizendo isto puseram no chão estas cousas que traziam consigo.

Os portugueses perguntaram porque motivo Lazaraque mandava que tal se fizesse.

E os moiros responderam:

— Para que o corpo se conserve até que a gente de Portugal o resgate.

Os bons servidores do infante disseram:

— Não tocaremos no seu corpo para o abrir. Matai-nos se quiserdes mas dizei a Lazaraque que não faremos tal cousa.

Os moiros viram-nos tão resolutos que logo entenderam que não poderiam obrigar aquêles homens a um tal serviço. Foram então buscar um cristão entre outros cativos que tinham; e êsse homem fêz o trabalho que lhe mandaram.

Os servidores do infante recolheram as entranhas e tudo que o outro tirou do corpo do seu senhor e esconderam muito bem estas cousas antes de irem para o seu trabalho.

Então vieram outros homens que estenderam o corpo do infante sobre uma tábua e o levaram até às portas da cidade. E quando lá chegaram penduraram-no pelos pés às ameias da muralha.

Quando os servidores do infante voltaram do seu trabalho, puseram as entranhas e o coração do seu senhor numa panela de barro e o fígado e os pulmões noutra, salgaram as duas panelas e enterraram-nas numa cova que abriram num canto da sua masmorra. E ao cabo de alguns dias trouxeram do campo um molho de canas e com elas armaram por cima daquela cova um pequeno monumento à maneira de altar que cobriram com um tapête e com uma cruz branca. E cada dia, à volta do seu trabalho, juntavam-se todos defronte dêste altar e rezavam com o confessor do infante, as orações dos mortos. E em cima dêste altar, tinham sempre uma luz de azeite e água benta. Isto durou assim dez meses; e ao cabo dêste tempo os moiros levaram-nos daquela masmorra e misturaram-nos com outros cativos cristãos que tinham. Os companheiros do infante, retiraram então daquela cova as relíquias do seu senhor e enterraram-nas às escondidas num campo onde ficaram durante muitos anos até que João Álvares, o secretário de Dom Fernando, foi resgatado e as levou para Portugal.

O corpo do infante foi pendurado nas ameias da muralha numa quinta-feira à noitinha; e no dia seguinte de manhã Lazaraque com um grande acompanhamento foi fazer as suas orações a um lugar fora da cidade, e saiu pela porta sobre a qual estava pendurado o corpo do infante Dom Fernando. Da banda de dentro e da banda de fora das portas da cidade de Fêz juntou-se

grande multidão de povo. Era tanta que parecia cobrir a terra. E não se contentavam de ver o corpo daquele santo assim profanado, mas fartavam-se de o insultar. Uns escarravam para o lado onde êle estava, outros atiravam-lhe pedras e laranjas podres. Troçavam dele e gritavam-lhe pragas e palavras feias. E diziam uns aos outros de mangação:

— Olhai! Aquêle é o rei dos cristãos que veio combater contra os moiros e conquistar suas cidades! Os estúpidos cristãos não cabiam na sua terra e queriam tomar o que não era deles. Os que vieram com êle renegam-no agora, dizem que êste não é o seu rei e que têm outro mais poderoso em Portugal!

E riam às gargalhadas.

Lazaraque, mais os seus oficiais e senhores da côrte atravessaram as portas e seguiram sua jornada; e aquêles infieis atiravam-se ao chão defronte dele, gritando:

— Deus salve Lazaraque!

E depois dele passar, tôda aquela gente ali ficou fazendo grandes jogos e comezainas e divertindo-se como numa grande festa; e isto até à noite.

O corpo do infante ali ficou pendurado durante quatro dias. E então os seus tristes companheiros receberam ordem de fazer um caixão e de o meterem dentro. E o caixão foi atado com cordas no mesmo lugar onde o corpo estava. E mais tarde cravaram uns madeiros na muralha e puseram-lhe o caixão em cima e ali ficou muitos anos até que por fim os portugueses conseguiram resgatá-lo e levaram-no para o seu túmulo na capela real do Mosteiro da Batalha onde agora está na companhia de seus pais e de seus irmãos.

E esta história é tôda verdadeira do princípio ao fim. Foi o secretário do infante Dom Fernando, João Álvares, companheiro fiel do seu calvário, que a escreveu por ordem do infante Dom Henrique, quando foi resgatado e voltou a Portugal.

Seis anos durou o martírio do infante santo até que morreu em terras da Moirama. Mas, louvado seja Deus, tão grandes maldades não ficaram sem castigo; porque mais tarde os portugueses conquistaram Tânger e outras cidades aos moiros e acabaram com o poder dêstes infieis naquelas partes de África.

A SEGUIR:

HISTÓRIA DO INFANTE DOM HENRIQUE E DOS SEUS CAPITÃIS

*Virginia de Castro e Almeida escreveu:
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

S. P. N.